

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 26 DE NOVEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

VOL. III-N. 152

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

Expediente.....	
A Semana.....	
Notas para a nossa historia.....	Capistrano de Abreu
A divina comedia, poesia.....	
Escritores do Norte do Brazil.....	Franklin Tavora.
D. João, soneto.....	Mario Delsol.
Parnasianismo e scientificism.....	M. de Albuquerque.
Confronto, poesia.....	Isidoro Martins J.
O Homem.....	Livio de Castro
Um a noite na vida, soneto.....	E. de Barros.
Estudo da Litteratura Brasileira.....	Sylvio Romero.
Quadros negros.....	J. Norberto S. S.
Num leque, poesia.....	Adelina Vieira.
Bellas-Artes.....	Portin.
Soneto.....	V. Figueiredo.
Theatros e diversões.....	
Diversas publicações.....	

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

CÓRTE E NICHEROY

Semestre.....	48000
Anno.....	88000
PROVINCIAS	
Semestre.....	58000
Anno.....	108000

As assignaturas tomadas e pagas desde já vigorarão:  
as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empresa desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atrazo a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos até ao fim do anno correute.

São agentes litterarios da Semana os Srs.:  
Dr. Izidoro Martins, na cidade do Recife;  
Max Fleiuss, na cidade de S. Paulo.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Aesis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pampans*, versos, de Rodrigo Octavio.

## A SEMANA

Rio, 26 de Novembro de 1887.

Dissemos, e apraz-nos hoje repetil-o, que a nossa divisa é — lutar pela vida intellectual da patria. E muito simples é a razão em que se funda a escolha deste objecto para o exercicio de nossa actividade: entendemos que as nações novas devem preoccupar-se principalmente com a formação de seu cerebro.

Acreditamos que o publico não terá acolhido a nossa divisa como estolidá fórmula da irrisoria pretensão de dous espiritos quixotescos que, julgando-se de posse da alavanca de Archimedes, procuram o ponto de apoio para evertir o nosso mundo litterario.

Temos exacta consciencia da debilidade de nossas forças, para que sejamos modestos em nossas aspirações.

Não é, nem podia ser nosso intuito orientar o movimento das letras nacionaes. Ao envez disto, o que desejamos é estimular os representantes da nossa vida intellectual a que se congreguem e contribuam para a formação de um capital que possa attestar a riqueza da mentalidade brasileira.

Paiz novo, nação constituida pelo concurso de elementos pouco saturados das idéas e dos sentimentos desenvolvidos no meio social mais propicio ás conquistas do progresso e da civilização, o Brazil, apesar da mesquinha felicidade dos seus antecedentes historicos, pôde actualmte, sem lisongear o optimismo que a tudo applaude, nem molestar o pessimismo que a tudo condemna, afirmar que o seu nome já circula em todas as provincias do saber.

Temos já legitimos representantes de todas as manifestações do pensamento humano.

Faltam-nos, porém, certos predica-dos indispensaveis ao crescimento moral dos povos.

Falta-nos aquillo a que se poderia chamar força de cohesão litteraria, isto é, a adberencia mutua dos elementos constitutivos da intellectualidade brasileira. Andam por ahi esparsos, completamente desagregados, desatendidos, qual voz sem echo, tantos e tantos documentos que, habilmente colligidos, poderiam dar solemne testemunho de que não somos indifferentes á cultura das idéas.

Ora, si a união produz a força, não carece de demonstração — a reciproca desta verdade.

Convem, pois, que os hons amigos das letras, esquecendo os resentimentos e rivalidades que os tem dividido, combinem suas luzes, reunam seus esforços e acertem n'um plano de regeneração da vida intellectual da patria.

Qualquer que deva ser esse plano, reclamará para sua execução o concurso de todos os que gyram na imprensa.

Pelo que nos diz respeito, não pouparemos sacrificios para dar curso ás idéas de quantos lutam pela vida intellectual.

A Semana, conforme já o declaramos, está franca para todas as pennas convenientemente aparadas e embebidas em tinta que não contenha elementos nocivos ao hom senso e á moralidade publica. E é tal o nosso empenho em que estae columnas sejam collahoradas por todos as realidades e esperanças do nosso meio litterario, que, apezar daquela declaração, acabamos de expedir a circular abaixo transcripta a todos os litteratos cujos nomes são geralmente conhecidos.

Ratificando, assim, o programma que nos traçamos, seja-nos permittido aproveitar a oppor tunidade para apresentar aos collegas da imprensa, assim da Côte, como das provincias, os nossos protestos de reconhecimento e gratidão pelo benevolente e generoso acolhimento que nos têm dispensado.

Eis a integra da alludida circular, que desejamos seja lida pelos escriptores a cujas mãos não tenha ella chegado, em consequencia de estravio ou de involuntario esquecimento de nossa parte:

Exm. Sr.—Os novos proprietarios da Semana, desejando ampliar o mais que lhes for possivel o circulo dos collahoradores da sua folha, de modo que esta possa collocar-se na elevada posição de organ das livres expansões de todos os cultores das letras, têm a satisfação de pôr á disposição de V. Ex. as columnas da mesma folha, e esperam que V. Ex. se dignará honral-as com os inapreciaveis fructos de seu festejado talento e reconhecida illustração.

Com elevado apreço e distincta consideração subscrevem-se

De V. Ex.

Attentos veneradores e creados

J. BORGES CARNEIRO.  
BELLARMINO CARNEIRO.

Rio de Janeiro, Novembro de 1887.

## Notas para a nossa historia

I

Nas *Cartas avulsas de Jesuitas* (impresas, mas ainda não publicadas) pag. 84, falla-nos o padre Antonio Blasquez em um Espinhoso, grande lingus, que em 1557 gozava de muita autoridade entre os Indios do Brasil.

Quem era elle? a que nacionalidade pertencia? seu appellido era de familia, ou simples traducção de alcunha dada pelos Indios, como Moreia, com que mais tarde atavaram-se alguns dos descendentes de Caramarú?

Documento recentemente descoberto,

permite responder a algmas destas perguntas: uma carta de mercê, passada por Men de Sá a 24 de Dezembro de 1560. Falla-se ali em Francisco Bruza de Espinhosa, « castelhano, grande lingua e homem de bém e de verdade e de grandes espiritos. » Na verdade, Espinhosa e Espinhoso não são exactamente o mesmo nome; mas da carta de Antonio Blasquez, como da de Men de Sá, temos apenas copias; a differença de uma letra não milita, pois, contra a identificação, a favor da qual, como se verá, ha muitos argumentos.

Segundo o documento a que me refiro, Francisco Bruza do Espinhosa offerceu-se a Thomé de Sousa para penetrar pelo sertão em procura de minas. Mais de uma vez recomenlara-lhe D. João III esta empresa, de que o Governador tanto se preoccupara que, em Julho de 1551, quando Nohrega foi para Pernambuco, já conseguira deste um Padre para acompanhar a gente que fosse descobrir ouro (Nobrega, *Cartas* pag. 92.) Por isso a proposta foi aceita; mas era nos ultimos tempos de Thomé de Sousa, e a empresa só chegou a realizar-se no governo de Duarte da Costa, iniciado a 13 de Julho de 1558.

As condições da proposta eram que « ouro, prata, aljofar e pedras precioas e quaequer outros metais que descobrissem fossem o que tronxessem em eoldo para elles e para seus filhos, herdeiros, ou para os que elles quizessem dar e deixar, sem das ditas cousas pagarem dizimos, sisa, quarto, quinto nem outro nem um direito por qualquer outro nome que seja chamado ou denominado. »

Partindo para a expedição com doze companheiros, Espinhosa « achou muitas informações de haver entre o gentio ouro e prata, e não foi mais pela terra dentro que duzentas e tantas leguas e não scahou de descobrir. »

E' isto o que se contem na carta de mercê de Men de Sá com referencia a Espinhosa; mas, approximada de uma outra do padre Navarro, tão bem impressa nas *Cartas avulsas* pag. 66/69, o facto apparece á nova luz. O padre Navarro refere-se a uma entrada que fez ao sertão nos primeiros tempos de Duarte da Costa, pois a 24 de Junho de 1555 já passava de anno e meio com doze portuguezes, e em que andou pela terra dentro 350 leguas. Como se vê, excepto no numero das leguas, aliás sem importancia para o caso, porque nem Espinhosa nem Navarro fizeram mais que estimalas arbitrariamente, a identidade parece completa entre as duas expedições.

Para que o seja realmente, é preciso, porém, ontra condição. Navarro partiu para Porto Seguro em Março de 1552 e só tornou a Bahia em fins de 1555 ou começo de 1556; a entrada em que tomou parte deve ter sahido, portanto, de Porto Seguro. Partiria igual-

mente d'ahi a do Espinhosa? A sua presença na Bahia em 1557 não é argumentado em contrario, porque tambem Navarro la estava; mas isto é simples presumpção. Ha documento, felizmente, que permite affirmal-o.

E' sabido que em fins de 1552, Thomé de Sousa sahio da Bahia com Manoel da Nobrega, Pero de Góes, Antonio Cardoso de Barros e outros a visitar a capitania do Sul. Em uma collecção de ordens de pagamento do tempo que existia na thesouraria da fazenda da Bahia encontra-se sob numero 1262:

A 8 de Março de 1553, passou o Provedor Mór (A. C. de Barros), dous mandados para Pero de Pina, feitor da capitania de Porto Seguro, que desse ao Espinosa emegero (?) castelhano, na dita capitania morador, todo o resgate que houvesse mister para ir pelo-certão a descobrir por mandado do governador Thomé de Sousa...

Na mesma collecção do ordens, encontra-se ainda adiante o seguinte que provavelmente relaciona-se com o nosso Espinhosa:

«A doze do dito mez (Junho de 552) passou o Provedor-Mór mandado para o dito thesoureiro (João de Araujo) que entregasse a Pero de Pina, feitor e almoxarife de Porto Seguro, os resgates e mercadorias seguintes: quarenta e cinco covados e tres quartos de pano vermelho de trozentos e cincoenta réis covado, quarenta duzias de tesouras de duzentos e quarenta réis duzia, vinte massos de matamuado de cem réis o masso, trinta duzias de pente de dez a real, trinta milheiros de trez a real, quarenta milheiros de quatro a real, doze chapões de cento e quarenta réis chapeo, tres barris de pão para ir o dito resgate...»

Não ha, pois, motivo algum para duvidar que o Espinhoso de Blasquez é o Espinhosa de Men de Sá, ou antes Spinosa, como mais correctamente se deve escrever, e que é sua expedição a descripta na carta do padre Aspilcueta Navarro. Por meio desta, pode-se até certo ponto determinar o roteiro da entrada.

Partiram de Porto Seguro, e, como em paiz desconhecido, seguir um rio é meio de não se perder, provavelmente foram seguindo algum. Navarro falanos tantas vezes no Grande, actualmente conhecido pelo nome de Jequitinhonha, que bem pôde dizer-se que foram margeando-o. Depois de muito andar, cbegaram a uma serra onde estão as cabeceiras deste e de um outro chamado dos Ourinas (Pardo?). Esta serra corre do norte para o sul, e deve ser uma das conhecidas pelo nome de Almas, Grão Mogol e Itacambira. Dahi partiram e foram ter a um rio muito candal, chamado Pará, que, segundo os Indios informaram-lhes, era o de S. Francisco, ou mais provavelmente o rio das Velhas. Foi, portanto, no districto em que mais tarde tornaram-se tão celebres as minas de Diamantina, de Serro, de Arassuahy e outras que teve logar a expedição.

E que viagem! «Sempre por caminhos pouco descobertos, diz Navarro, por serras mui fragosas que não têm conto e tantos rios que em partes, no espaço de quatro ou cinco leguas, passamos ciuocenta vezes contadas por agua, e muitas vezes, si me não socorreram, me houvera afogado. Mais de trez mezes fomos por terras mui humidas e frias por causa dos muitas arvoredos e das

arvores mui grossas e altas, de folha que sempre está verde. Chovia muitas vezes, e muitas noites dormiamos molhados, especialmente em logares despovoados, o assim todos em cuja companhia eu ia, estiveram quasi a morte de enfermidades, uns nas aldeias, outros em despovoados, e sem ter outro medicina que sangrar-se de pé, forçando a necessidade a caminhar.»

A carta de mercê de Men de Sá, de 24 de Dezembro de 1560, foi passada em favor de Vasco Rodrigo de Caldas. Era este homem notavel, que habitava na cidade do Salvador havia muitos annos, e distinguira-se muito nas guerras que em tempo do mesmo Governador houve contra os Indios. No anno de 1562, serviu de versador da Camara da cidade.

Offereceu-se ao Governador para levar avante a empresa iniciada por Spinosa, e, como um dos motivos a que se attribuia o malogro daquella era a pouca gente que levava, comprometteu-se a levar cem homens. O seu offerecimento foi aceito nas mesmas condições que tinham sido concedidas a Spinosa. Era-lhe alem disso recommendado que não sabisse em outro logar que o Brasil, o que indica a crença na proximidade immediata de possessões hespanholas, e que fizesse um roteiro da jornada.

Chegou esta a realizar-se? E' o que não diz o documento de Men de Sá, mas o que por casualidade nos informa o padre Leonardo do Valle em uma das *Cartas avulsas de Jesuitas*, escripta da Bahia a 26 de Junho de 1562.

Leonardo do Valle fala de uma entrada com atoardas de ouro, feita no anno anterior. Quem a dirigiu não nos diz elle, que designa o capitão simplesmente como «um dos honrados da terra.» Sabendo-se, porem, que Vasco Rodrigo de Caldas obtivera a licença nos ultimos dias de 1560, no tempo do Natal e das festas que se lhe seguem, não é de admittir que elle fizesse a entrada sinão em 1561, o que está de accordo com a data do padre Leonardo. Nem é de crer que o Governador desse ao mesmo tempo licença igual a pessoa diversa, quando Vasco Rodrigues Caldas tantos serviços prestara a sua administração, e já tinha feitos os amplos preparativos que necessitava o sustento dos cem homens com que planejara o commettimento. Não hesito, pois, em identificar a homem honrado do padre Leonardo com o caudilho de Men de Sá.

Tambem a sua tentativa não surtiu effeito. Elle seguiu pelo rio Paraguassú, mas não foi mais de 60 ou 70 leguas pelo certão. Ahi appareceram os indios Tupinaeus, os antigos moradores da Bahia quando os Tupinambás ainda não a tinham senhareado, e obrigaram a expedição a tornar.

Entre os Indios ficou um crucifixo de que Leonardo do Valle conta maravilhas. «Foram umas velhas pera o tirar da caixa pera os sens lhe quebrarem a cabeça a seu modo e supitamente cabiram mortas. E irando-se alguns mancebos valentes disso, tomaram seus arcos e flechas para ás frechadas o matarem e querendo o por obra, acouteceu o mesmo que ás outras.»

Depois do desbarato de sua empresa, Vasco Rodrigues de Caldas fez uma viagem ao reino, como consta de um documento publicado por Valle Cabral (Nobrega, *Cartas do Brasil*, pag. 182).

São estas, pois, as duas mais antigas entradas em busca de minas que se deram ao Norte do Brasil. Ambas eram desconhecidas, e continuariam provavelmente a sel-o sem as cartas de Men de Sá e dos Jesuitas.

Outras entradas houve ainda no secul. XVI, que novos documentos permitem melhor estudar.

Serão objecto de outras notas.

CAPISTRANO DE ABREU.

## A DIVINA COMEDIA

VERSÃO DO BARÃO DA VILLA DA BARRA

(Fragmento)

O finado Barão da Villa da Barra, ou melhor o Dr. Francisco Bonifacio de Abreu, nome este que circulou em nosso meio social com todos os esplendores do talento que se impõe pelas conquistas do saber, não era sómente uma summidade medica; era tambem um temperamento litterario tonificado pelo ardente sopro da poesia.

E' isto um facto conhecido menos pela publicação dos trabalhos do poeta, que os guardava a seguro recato, do que por noticia dos seus amigos particulares, daquelles poucos a quem confiava os segredos de sua musa. Em breves dias, porém, teremos a prova real do seu real merecimento.

O Sr. Dr. José Carlos Mariani, sobrinho do illustre finado, recollheu e está imprimindo o espolio litterario de seu prezado tio, no qual se comprehende a versão da *Divina Comedia*.

A esta versão pertence o fragmento que hoje publicamos, graças á obsequiosidade a gentileza com que o mesmo Dr. acudiu ao appello que lhe dirigimos.

CANTO XVII

*Descripção Gerion, vai o Poeta, enquanto o Mestre entretém-se com aquella horrivel fera para dispô-la a levá-lo ao fundo do abysmo, visitando os violentos na arte, os quaes estão sentados ao pé do grão bátracho expostos á chuva ardente. A cada um pendu do péto uma bolsa de certa cor e signal, ou com as suas armas, pelo que elle reconhece alguns. Depois volta para máde está Virgilio, que, ostentado já sobre o dorso de Gerion, pôe-no adiante de si, para que a cauda do animal não offenda, e assim descem ao oitavo circulo.*

— Eis a fera de ponteguda cauda,  
Que montex, muros, armas não empecem,  
E corrompe, e infecta o mundo inteiro—  
Estas palavras dirigiu-me o Mestre,  
E ao monstro acena, que na beira aporte  
Na fragura, que deixa a petrea orla.  
E essa da fraude immunda e torpe imagem  
Obedeceu, mostrando a fronte e o busto;  
Mas sobre a margem, sem alçar a cauda.  
Nas teigões semellia o homem justo:  
Tão benigna apparencia tinha o rosto;  
Mas todo o mais do cnpro era de serpe.  
Pilosas garras nasceu das axillas;  
O dorso, peito, e ambos os costados  
Depinctos laços e escudos mostram.  
Com taes relevos, tão mimosas côres,  
Jámais Turcos, nem Tartaros urdiram,  
Nem Arachne engenhou tão linda téla.  
Abicadas ás vezes vêm-se as naves  
Parte na praia, e parte n'agua, como  
Os Germanos glutões no castor notam.  
Este é assim que esprelta a sua preza;  
Jazendo de igual modo a fera atroz  
Sobre o petreo reparo á aréa posto.  
Agitava no espaço a cauda inteira;  
Do Escorpião á guiza, o bifureado  
E toxico aguilhão iorcendo erguia.  
Disse-me o Guia:—Um pouco á dextra cumpre,  
Que o caminho inclinemos, ao encontro

Do cruel alimaria e ill distensa.—  
Neste rumo, portanto, enveredando,  
Dez passos demos no mural de pedra  
Abrigo contra as chamas, e as aréas.  
Logo que deste monstro ao pé chegámos,  
Eis diviso algo além no ardente saibro  
Gente assentada proxima do abysmo.  
Disse-me então o Mestre:—A fim que esperto  
Desta secção te tornes totalmente,  
Segue avante, e observa n' este estado.  
No discursar, porém, não gastes tempo:  
Até que voltes, vou a este bruto  
Persuadir, que nos preste os bmbros fortes.  
Deste setimo circulo pisando  
Continuamente a faixa divisoria.  
Fui a sós visitando a gente mésta.  
Borbotava dos olhos seus o pranto;  
De toda a parte com as mãos amparo  
Buscando contra o sol ardente, e as chammas.  
Com os pés, e mandíbulas, no estio.  
Procedem de igual sorte os cães, pungidos  
Da moscardos, lavões, e outros insectos.  
Deitando as vistas sobre alguns dentre elles,  
Por dolorosas flammias torturados,  
Reconhecer algum não me foi dado.  
Notei em entanto, que do collo a todos  
Vária em côr e signões pendia bolsa,  
Que olhar desvauecidos pareciam.  
Como sempre a miral-es caminhasse,  
N'uma bolsa amarella debuxado  
Vi de um leão azul o grave aspecto.  
Neste empenho aturando, uma outra bolsa  
Côr de sangue adverti, nella observando  
Ganso mais alvo do que o proprio leito.  
Um que trazia em saquitel nevado  
O desenho de azul marrá pejada,  
—Que fazes tu (me disse), neste abysmo?  
Retira-te; e porquanto ainda vives,  
Sabe que n' meu vizinho Vitaliano  
Tem posto aqui guardado a minha esquerda.  
Paulano, entre Florentinos me acho,  
Os quaes gritando a mimdo me atordoam:  
—«Sús! Venha o cavalheiro soberano!  
Tem elle por brazão tres rostos de ave.»—  
Nisto torcendo a boca a lingua alonga,  
De teouro á guiza que delambe as ventas.  
Mas, temendo incorrer no desagrado  
Do quem me aconsellou pouca demora,  
Regressando deixei as méstas almas.  
Sobre o fero animal já cavalgado  
O meu Guia encontrei, que então me disse:  
—Eia, mostra valor, cobra ousadia.  
Não temos de decer mais nenhum meio.

## Escretores do Norte do Brazil

DR. JOÃO ADOLPHO RIBEIRO DA SILVA

Escrevendo na carta-prefacio do *Cabelleira* que no romance o sul campeava seu émulo, e que os seus romancistas não tinham competidores no norte, lavrei uma sentença que não pôde nem deve subsistir por ser contraria á prova do inquerito a que posteriormente procedi.

Alguns romancistas contava o norte na data daquelle livro; outros appareceram logo depois, e o numero tende a augmentar. Eu não me recordava de José de Alencar que, si enriquecera a litteratura do sul com a mór parte dos seus romances, dera na *Iracema* e *Guerra dos Mascates* brilhantes perspectivas daquelle genero de trabalho, tomadas da natureza e historia do norte; tambem não me recordava das *Scenas Populares* de Juvenal Galeno; do *Carlos* de J. A. Ribeiro da Silva; da *Carapuça de meu tio* de Ramos Zany.

Eu mesmo, humilde estreante nas letras, publicára os *Indios do Jaguaribe* (4 tomos), a *Casa de Palha*, a *Trindade Maldita* e *Um casamento no arrabalde* (1ª edição). No mesmo anno em que escrevi aquellas palavras, appareceram o *Caccolista* e a *Historia de um pescador* do Dr. Inglez de Souza.

Esta lista quer de romancistas quer de romances augmentou depois. Araripe Junior publicou o seu melhor livro *Luizinha*, romance de costumes cearense; José Verissimo escreveu uma collecção de contos de costumes amazonicos intitulada *Scenas da vida amazonica*, de que acaba de dar 2ª edição, precedida de valioso estudo sobre as populações mestiças do Amazonas; o Dr. F. G. Castello Branco publicou o seu *Ataliba*; Celso de Magalhães publicou *Um estudo de temperamento*; Inglez de Souza deu a lume na *Revista Nacional* o *Smeiro da matriz* e o *Coronel Sangrado* e em separado o *Recruta*, primeiro de uma serie intitulada *Contos do Amazonas*. Eu publiquei em livros o *Matuto e Lourenço*, e na *Revista Brasileira* o *Sacrificio*; Carneiro Villela publicou *Inah*, e escreveu *Uma republica de estudantes*; Aluizio de Azevedo publicou o *Mulato*, J. de Alencar o *Sertanejo*. Si a esta extensa relação de autores e livros juntarmos outros romances, publicados ultimamente, de alguns dos autores apontados, contos dispersos por jornaes, podemos, sem receio de contestação, asseverar que o norte, si não excede o sul no romance, rivalisa com elle. Reformo, pois, a minha sentença. O norte representa hoje a verdadeira feição do romance nacional; porque tudo o que lhe dá assumpto, formas, e alma pertence aos costumes, tem expressão ethnica sob multiplos aspectos e quer queiram, quer não, quando se tratar, ao menos por algum tempo, de ter copia de costumes brasileiros em productos litterarios, emquanto o sul apresentar no romance historico Texeira de Souza, Manoel de Almeida, e o Sr. Julio Ribeiro e no de actualidade Macedo, Alencar, Bernardo Guimarães, Machado de Assis e Taunay, o Norte apresentará todos os escriptores de que acima fiz menção.

De todas as provincias do Norte em aquella que o romance tem sido mais cultivado é o Ceará. Não são muitos os seus poetas eruditos; entretanto na poesia popular é rica esse provincia. O sertanejo tira versos por qualquer cousa, e sobre varios assumptos. Mas pelo romance ha muito gosto alli, e não são poucos os cearenses que se distinguem neste genero.

O Dr. Ribeiro da Silva tinha grande vocação para esta especie de trabalho, digo—tinha grande vocação, porque antes de fallecer já a devia ter perdido, na vida de magistrado. Ainda assim, por occasião de estar nesta Corte, ha alguns annos, proporcionou-me a leitura de um romance inedito de cujo titulo não me recordo agora.

Si elle tivesse cultivado a sua inclinação, seria talvez hoje um dos nossos primeiros romancistas.

*Carlos* é um trabalho de merecimento. Publicado pela primeira vez no *Jornal do Recife*, foi reproduzido no *Diario de S. Paulo*, e em 1876 editado em livro especial por Cruz Coutinho.

O que escreveu sobre elle a imprensa da Corte? Naturalmente nada ou muito pouco. Quem conhecia aqui Ribeiro da Silva? Talvez não o leram.

O escriptor era do norte, e o romance fóra escripto no norte; não precisava mais para fazerem pouco caso do escriptor e do escripto. Despreza-se o que é de casa, e acha-se bom o que é do vizinho. Romances francezes, chronicas portuguezas—eis o melhor da litteratura brasileira no entender de muita gente ainda.

Entretanto, si os jornalistas desse

tempo tivessem lançado as vistas para a primeira pagina do prologo, tanto bastara para se sentirem atarrhidos pela narrativa porque ella move á leitura desde os primeiros linhas.

Forma imaginosa, adornada de muita lição litteraria, em que a graça e oportunidade dos conceitos nada ficam devendo ás intesidades das tintas; scenas naturaes, enredo verosimil; costumes e colorido pernambucano; a vida do estudante com as suas culpas veniaes, as suas leviandades arriscando sem consciencia, a reputação das familias etc., eis o *Carlos*, cujo prologo e epilogo se passam no Ceará. Em outro meio litterario o *Carlos* teria sido acolhido com entusiasmo, e seu autor, animado com a justiça rendida ao seu talento, teria proseguido corrigindo-se dos defectos de estylo que se lhe notam. Tudo succedeu ao contrario. Perguntai aos nossos litteratos quem é João Adolpho Ribeiro da Silva, e si algum delles que estiver em dia com o judicial não vos disser que este era o nome de um juiz de direito da comarca de S. Benedicto, certo não saberá dizer outra cousa. Quanto ao romance, dirá que é a primeira vez que ouve declinar semelhante titulo.

Com este primeiro silencio, Ribeiro da Silva não desanimou de todo, e chegando ao Ceará deu a lume outro romance denominado *Psyché* que se passa na Corte.

Este—francamente o direi—não me agradou. O autor mostra-se possuido da intenção de seguir a escola de Alencar, aquella escola de phantasia que deu os *Perfis da Diva*, *Putá da Gazeta*, e *Senhora*, narrativas que revelam opulenta imaginação, destumbrante estylo não estudo do nosso meio social, nem observação nem inspiração ethnica. Já o mesmo não direi do romance inedito, a que me referi. Si bem me recordo, o assumpto é a excursão de certo presidente a uma cidade do interior da provincia. Ribeiro da Silva descreve o alvoreço do sertão por aquelle motivo. A descripção move-se debaixo das vistas do leitor e em muitos pontos tem vivacidade encantadora. Quantos ditos que suggerem o riso! Quanta critica aos costumes! Quem teria arrecadado o precioso manuscrito?

FRANKLIN TAVORA.

## D. JOÃO

Ao Dr. Raymundo Corrêa

Porque do Infante azul as curiosas Filhas, o longo olhar apaixonado Lançam?... Porque do calice orvalhado, Inquietas escutando, pandem rosas?...

Porque voam, veloz, as mariposas? Onde, fugitivo a ignoto e extranho fado, Das luciolas vai o bando alado? Porque tremem assim todas as cousas?...

O candidas, ó thuidas donzellas?... Sabeis vós porque o seio das estrellas Se refrange maguado e o coração

Das flores?... E' o verbo da desgraça Que s'ergue devastando?... E' D. João... Anjos tremem!... E' D. João que passa.

MARIO DELSOL

## Parnasianismo e Scientificismo

Da multiplicidade de escolas de poesia que hoje existem, duas apenas me parecem de capital importancia: *Parnasianismo* e *Scientificismo*.

Entre estas duas insere-se o *Romantismo*, destituído do tom prophético e theatral dos reformadores de 1830, não contando outras escolas de menor importancia, que desejam sujeitar a Arte a uma concepção mesquinha e limitada.

Devo fazer notar, entre parenthesis, que não estou fazendo um trabalho inspirado em mestres. O que aqui vae são notas personalissimas, destituídas de todo o valor dogmatico.

Para meu modo de ver a importancia do *Parnasianismo* e do *Scientificismo* é que o primeiro é a Poesia no seu apogeu artistico e o segundo é a Poesia no primeiro passo para uma decadencia inevitavel, que ha de arrastar á dissolução geral todas as artes.

Sei que esta idéa da extincção da Arte repugna á generalidade das pessoas. Assim devia repugnar aos cidadãos romanos a possibilidade da extincção da religião daquelle tempo. Assim repugnaría na idade-media a possibilidade do aniquilamento do Christianismo, que a tantos já se figura inexoravel.

Eu tenho para crer nella grande copia de razões que são para mim decisivas e que exporei talvez em artigo proximo.

Daqui até que m'as contestem, sirvo-me dellas, como premissas.

Para mim a Arte tem dois fins capitales: despertar o sentimento e a imaginação. Isto, que não foi descoberta minha, é observavel principalmente na Musica—a arte typica; universal; primitiva: sem a qual não se conheceu até hoje nenhum povo.

Na Musica, um determinado trecho exprimindo—por exemplo—o amor, não só desperta a emoção correspondente, como abre o campo imaginativo para as idéias, que mais nos comprazem.

Dado, porém, este fim da Arte, comprehendendo-se que cada um dos seus ramos especiaes será tanto mais perfeito quanto maior emoção e mais largas associações despertar. E como é preciso attender ainda á especie de emoções e associações, é facil de ver que o artista conseguirá tanto melhor o seu resultado, quanto mais vibrar á *unisson*, de perfeito accordo com os sentimentos pessoases, intimos, idiosyncrasicos de cada um dos apreciadores. Isto conseguio a Musica. Quando ella solta um dos seus mais bellos canticos de amor, o *som* é como a moldura de um quadro vasio, que compete aos ouvintes encher. Não se trata alli de um determinado amor: o amor do Sr. Mozart, do Sr. Verdi, ou de qualquer outro. Trata-se do Amor em geral e é ermitido a qual quer um de nós recordar aquella idealidade, que mais amamos e do modo que mais amamos: o que permite que o sentimento seja profundamente sincero. Certo, ha algumas limitações. A *Casta diva* não traz as mesmas associações que um tango bregreiro. E' somente uma moldura menor, mas com grande campo para innumerables associações.

O pólo opposto dessa tendencia é o romance naturalista de Zola. O typo, o scenario, a acção: tudo é tão preciso, tão minucioso, tão sobregregado de

seguir o tramite marcado pelo escriptor. O seu trabalho limita-se apenas a reunir taes e taes reminiscencias que o autor lhe indica com toda a minuciosidade. A emoção, neste caso, só pode dar-se quando coincidir com os sentimentos do leitor. Fóra disso, elle pode apreciar tudo o mais, mas friamente, como um analysta.

Entre esses dois pontos podem ser classificadas todas as artes, comprehendendo-se que cada uma dellas será tanto mais elevada, quanto fór menos analysta, quanto menos *impuzer* o sentimento do autor, em detrimento dos apreciadores.

Pode-se objectar que para a apreciação das obras de Arte é necessario que o pensamento se desloque de alguma sorte e tome a orientação do artista, accedendo suas premissas.

E' verdade. Pode qualquer um de nós, affeioado ao naturalismo, ler com prazer e emoção algum velho romance de capa e espada.

Neste caso o espirito do leitor, deslocado, infantiliza-se, procura—como no microscopio—um fóco apropriado para ver as cousas. Trata-se, porém, de um esforço anormal, do um desvio de nossa intellecção, precedendo o sentimento imaginativo. E' uma acrobacia intellectual e emotiva, que não pode fornecer base a nenhuma arte.

A Arte será tanto mais perfeita, quanto mais vier ao encontro dos nossos sentimentos para agita-los, impulsionando-os. O artista não é aquelle que sente muito, é o que faz sentir. A sinceridade da emoção só é absolutamente necessaria no apreciador.

Para chegar a este resultado é necessario que a obra de Arte, por uma certa generalidade, permita a eclosão de todas as modalidades pessoases e caracteristicas dos apreciadores.

Imagine-se agora uma poesia que exceda, ou, pelo menos, iguale estas grandes virtudes acima mencionadas. Qual pode ser ella?

Não pode ser o Romantismo, porque (—sem mesmo indagar estritamente em que consiste—) elle tem uma escolha especial de assumptos, tratados de uma certa maneira em que predomina acima de tudo o cunho subjectivo do auctor. E, como esta observação é geral, não pode ser nenhuma escola em que a emoção subjectiva do auctor avulte.

O *Scientificismo* está absolutamente fóra de discussão. Os unicos problemas scientificos que podem causar sinceras emoções são as grandes verdades hypotheticas, sobre as quaes se discute. Essas mesmas não podem commover sinão um dimiutissimo numero de espiritos de *élite* e que ainda assim estejam de accordo com o autor. De mais, na poesia scientifica o que mais se observa é o *modus faciendi* do poeta. Nada é mais facil do que reduzir a alexandrinos o binomio de Newton, ou a theoria da evolução: o caso está no meio que o artista empregar para chegar a esse resultado. De envolta com essa condemnação do *scientificismo* vai a da *poesia socialista*, e outras.

Resta, pois, o *Parnasianismo*. Devo dizer que o que eu chamo *Parnasianismo* não é precisamente o que existe hoje. E' alguma cousa mais, de que o actual é apenas um começo.

O *Parnasianismo*, como eu o entendo, seria uma poesia summamente meticolosa quanto á harmonia, pouco sollicita do *rigor da expressão*, cheia de idéas geraes. Qualquer cousa como

uma sonoridade brilhante, melancólica ou fantasista, que, de envolta com a belleza das suas notas, passando em lufadas harmonicas, nos deixasse entrever grandes e bellas concepções.

Eu sinto que a expressão me falta para explicar bem o que eu quero.

Lembrem-se, porém, aquelles formosos versos de Castro Alves:

«E' a hora das epopeias,  
das illiadas reaes;  
ruge o vento do Passado  
pelos mares sepulchraes.»

O que quer isto dizer?

Com boa vontade e paciencia, qualquer cidadão de mediana intelligencia pode chegar a expôr umas tantas possibilidades do que o poeta queria exprimir.

Não é, todavia, tal ou tal idea especial que a maioria de pessoas sentirá ao ouvir taes versos. Chama-se a isto a poesia bombastica. No entanto ella commove, ella abala, é capaz de agitar grandes multidões. Porque? Porque do meio daquella harmonia magistral destacam-se umas *ideias vagas* de granjeza, de heroismo épico. Fica livre a qualquer ouvinte incluir no quadro emocional o seu herôe de predilecção. Ou mesmo—e é o natural—não se pensará em ninguem; haverá apenas o sentimento generico de grandes scenas, que nos commoverá com a feição personalissima do nosso modo de sentir.

Expressões ha que, analysadas, são disparatos ridiculos e que, no entanto, podem agitar profunda e sinceramente. E isto pela razão de que o *sentimento e a emoção* são absolutamente oppostas a toda idea de analyse.

Si eu quizesse alongar este trabalho, podia accumular citações, sinão de poesias inteiras, ao menos, de grande copia de phrases desse genero. Ha bem pouco tempo a *Revue Philosophique*, em *compte-rendu* de uma sessão da *Société de Psychologie physiologique*, publicava um trabalho do illustre professor Ch. Richet sobre as manifestações nervoticas de certos artistas, principalmente poetas, rematando por uma curiosa poesia que podia ser lida do primeiro ao ultimo verso, ou do ultimo ao primeiro, sem sensível alteração. Ch. Richet, que a analysou com o escrupulo com que estuda uma pagina de Darwin, ou Haeckel, nada entendeu, segundo diz. Isso não impedia que da vaga harmonia dos versos—que eram *phonicamente* perfectos—se destacasse uma nota de saudade e desalento, que pessoas menos exigentes teriam sentido.

Vou concluir. Quem logrou acompanhar-me até aqui, atravez das imperfeições do meu estylo, pouco acostumado á synthetisação e energia da expressão scientifica, terá visto que o que acima esrevi não tem, nem pretende os fóros de trabalho de critica litteraria. São notas escriptas ao correr da penna; reprodução de pensamentos muito meditados, mas que ainda não tinham sido expressos.

Creio que a idea exposta sobre o *parnasianismo* está, de alguma maneira, em *theoria* approximada pelos *deliquescentes*. Foi pelo menos o que muito vagamente pude deprender das referencias que li na imprensa da Côte, não tendo visto obra nenhuma a tal respeito. E' natural que nessa, como na maioria das

ocasiões, os principios tenbam sido mais correctos, do que as execuções.

Quanto á poesia *scientific*, eu a considero a unica de futuro;—futuro limitado, porque a sua exaggeração ha de aniquilar a Poesia. Isto, que parece uma razão contraproducente, não o é. A poesia *scientific* é absolutamente necessaria como resultante do nosso seculo. E' a unica que se coaduna com a nossa aspiração de verdade. Como, entretanto, não poderá manter-se largamente, nem deixar sucessora—morrerá.

Serão talvez seus equivalentes, as grandes hypotheses scientificas, e metaphysicas.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

## « O HOMEM »

POR ALUIZIO AZEVEDO

Os ultimos annos do seculo actual são para o Brazil de uma esterilidade sem exemplo na esphera da vida litteraria. As academias de direito, como que mantidas out'ora para o bem quasi exclusivo da litteratura, vivem hoje de recordações. Na imprensa academica, sem esterilidade, sem vida, alguns nomes novos reeditam idéas velhas ou entoam louvores aos carunchosos feticbes de uma religião, que já não faz milagres. Existe *uma* mocidade a que sobra talento, não sobra-lhe porem espirito de independencia,

## CONFRONTO

Hontem quando ao chegar,  
Vi ante mim o infinito mar  
Austero e forte como um velho rei,  
— Sabes em que pensei?

Pensei no meu amor, neste oceano  
Vasto, dourado e azul que eu tenho n'alma.  
E, do pelago verde olhando a calma,  
Eu comparei o fundo mar tyranno  
A esse outro mar que existe dentro em mim.

Nenbum delles tem fim,  
Minba criança pallida e querida,  
Minba divina e doce prometida!

Ambos são mansos, immortaes, nervosos,  
E dormem ambos sob céos luzentes  
Sob astros radiosos,  
Cheios de brilbos vividos, ferventes.

Olha: Si o mar tem a anilada esphera,  
O meu amor tem teu olhar, que impera  
Neste meu ser, e curva-se profundo  
Sobre elle, como um luminoso mundo.

Escuta e crê: Ha muita semelhança  
Entre os dois oceanos.  
Vivem ambos gemendo; têm a lança  
Das amarguras e dos desenganos  
Encravada nos seios arquejantes!

A' hora em que te escrevo, deve estar  
O mar na praia em eboros lancinantes,  
Por não ter tido um beijo do luar  
Na titanea cabeça desgrenhada.

Pois tambem dentro em mim ha pranto agora.  
Cae nesta estrophe a lagrima pesada  
De uma saudade funda, e chora, e chora  
Este outre mar por um clarão de lua.

O meu luar é uma caricia tua.

Hontem, quando ao chegar,  
Vi ante mim o infinito mar  
Austero e forte como um velho rei...

Ao meu amor o mar eu comparei.

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR,

ambição de horizontes novos. A mocidade actual tradicionalista em excessão, não se destacando da massa do povo brasileiro, referenda momentaneamente a sentença de Buckle sobre o caracter do homem nos climas quentes. Por esse motivo, ainda mesmo tomando-se as precauções necessarias para evitar as illusões tão frequentes quando se comparan duas épocas, não é possível negar que a litteratura ou pelo menos um ramo da litteratura está em completa decadencia.

O que constituia out'ora a litteratura—poesia e romance—é tão pobremente representado que, sem ferir o patriotismo mais susceptivel podemos dar a palma a Portugal. A ex-metro-pole não está em uma phase brilhante, mas ainda assim apresenta-nos a *Velhice do Padre Eterno*, poesia notavel embora não seja poesia nova, e o *Anti-christo* arrojado ensaio de uma poesia digna da sciencia contemporanea.

No romance, e no romance novo apresenta-nos Portugal o *Primo Bazilio*, o *Sallustio Nogueira*, o *Brazileiro Soares*, a *Reliquia*.

Nós podemos entre os poetas citar dezenas de nomes, mas é forçoso reconhecer: nenhum dos auctores das poesias ás vezes admiraveis que conhecemos, foi até hoje capaz de elevar-se bastante, de salientar-se de modo a ser sagrado como—o poeta brasileiro.

Fôrma correcta e idéas velhas eis o que possuem os melhores. O romance não existe. Perdoem-nos aquelles que tem ensaiado o genero recebendo da imprensa elogios que só podem ter a significação de um incentivo. O romance de costumes acabou ainda em vida de Macedo, o indianista phantasiado por José de Alencar extinguiu-se com o enthusiasmo ficticio pelo selvicola; o romance historico não passou de Tavora. Ha uma forma romantica apreciada no Brazil, a dos romances de Feuillet e Ohnet, *litterature ohnete*, como a denominaram. Fariamos injustiça aos escriptores brasileiros suppondo-os incapazes de produzir muitos e muitos *Maitre de forges*, *Marriage dans le monde* e etc.

Si esses não existem, é tão somente porque não temos no Brazil uma publicação barata, que facilite a producção do genero nacional.

E' neste meio litterario que apparece o romance do Sr. Aluizio Azevedo. Qualquer que seja o valor intrinseco dessa producção, o momento em que ella apparece e a formula a que se filia tornam-na credora da attenção da critica.

Não discutiremos a razão de ser do naturalismo. Já o fizemos em outra occasião e não bavendo argumentos novos a discutir, seria isso perder tempo. Não é justo que se não possa dar um passo em critica litteraria sem responder aos repisadissimos argumentos, velhos de meio seculo, apresentados contra o naturalismo e centenas de vezes refutados. Ninguem melhor do que Zola em *Une Campagne* e *Le Roman experimental* disse o que havia a dizer a tal respeito, e para essas obras devem ser enviados todos quantos por falta de argumentos novos não tem direito a nova refutação. Aceitamos o naturalismo como a mais genuina expressão da arte no seculo XIX, e é sob esse ponto de vista que vamos fazer algumas considerações relativas ao livro do Sr. Aluizio Azevedo. Consideraremos dois pontos: a natureza e o artista, o objecto de observação e o

observador, ou finalmente nos termos próprios a natureza e o temperamento.

O *Homem* é um caso de histerismo feminino produzido ou provocado por violento abalo moral e que vai da vaporosidade até a loucura, e ao homicídio impulsivo, resvalando pela mania religiosa e passando pela dupla personalidade. É esse o « recanto da natureza » Magdá é um typo natural; existem muitas assim, não levando em conta as variantes próprias a cada uma. Em um caso ha o assassinato, em outro o suicidio, em outro a neurose não vai a ponto de provocar uma catastrophe; mas o typo existe. Mas perguntamos, é Magdá um typo observável, e só de observação? Não se pode dizer aqui que a critica, começando depois da synthese do artista, nada tem que ver com a escolha do objecto. No presente caso a escolha do objecto prende-se á propria noção do naturalismo. Ao naturalista é vedado o terreno da phantasia; elle não pode cogitar no que está fora dos limites da observação, como o physiologista não pode architeturar hypotheses que escapem á verificação experimental. Ora a hysteric, quando não se revela pelas convulsões, pode affectar taes formas que ainda é, nessas condições, exacta a phrase de Sydenham. Tudo quanto se possa *imaginar* é não sómente possível, mas ainda natural em taes casos. Si a imaginação e a observação chegam ao mesmo resultado, si Magdá tanto pode ser uma criação livre do romancista como a media dos diversos typos por elle observados, é evidente que essa obra de arte não é das que poem em relevo as qualidades do artista. O critico, o psychologista, que necessariamente existe na pessoa de um naturalista, com difficuldade se manifesta.

Não contestamos o titulo de naturalista dado a *O Homem*, julgamos porém que mais acertado andaria o romancista escolhendo um outro thema francamente natural; esse occupa a fronteira do natural com o que é simplesmente possível.

Passando uma rapida revista aos typos que subordinam-se ao de Magdá, encontramos ainda falta de naturalismo em um — o Dr. Lobão. Si o romancista nos garantisse a realidade desse typo não teriamos remedio si não acreditar. O que porem asseveramos é a falta de naturalidade. Será um bom personagem para um naturalismo a Daudet, que segundo opinião geral faz a photographia de um individuo real e apresenta a como media de muitas observações; será um Lobão em carne e osso, sem um gesto de mais ou de menos, será um Lobão muito conhecido, mas não é o medico brasileiro, na epocha actual, um contemporaneo de Magdá.

O Sr. Aluizio Azevedo apresenta-o como intimo da familia de Magdá e como respeitada notabilidade. A indelicadeza, a grosseria desse personagem não se explica, e ainda menos se explica porque o toleram. Sua intervenção medica é nulla ou irrisoria e difficilmente se encontraria em todo o Brazil um medico de tal modo desprovido de recursos diante de um caso grave de hysteric. Não é muito natural no Brasil chamar medico para casos de hysteric, mas será digno de nota que esse medico seja um Lobão. Parecem-nos ainda um tanto desviados da natureza dois incidentes do romance no capitulo XX. Um delles é a scena do envenenamento pelo xarope de Easton, que por signal tem

tanta razão de figurar no tratamento de uma hysteric como Magdá, como Pilatos tem razão para figurar no credo. O effeito é instantaneo. Diz Magdá: — Beham tudo! bebam tudo! «Os dois obedeceram, enxugando de um trago o liquido, com uma pequena carêta, que não puderam reprimir. — Que tal? perguntou Magdá. — Bom, muito obrigado, respondeu o covoqueiro; mas franqueza, franqueza, achei-o a modo que muito doce e muito azedo ao mesmo tempo... — E' que a gente não está acostumada... explicou Rosinha com um pigarro. Nesse momento, Justina reaparecia, trazendo os biscoitos; porem, tanto o rapaz, como a noiva, posto eeservissem logo, já não podiam comer, que lhes principiavam os queixos a emperrar. As convulsões geraes seguem-se logo a isso.

O outro ponto é ainda a mesma scena. Sabido o crime, o povo, os parentes e conhecido, das victimas invadem a casa. Ora essa gente toda, a população do cortiço, que é tão expelida na manifestação de suas paixões, que sabe odiar como sabe amar violentamente, excitada pelo local do crime, pela presença das victimas acalma-se miraculosamente ante a figura de Lobão. «O populacho do cortiço e os trabalhadores da pedreira queriam acabalá, ali mesmo, a unbas e dentes; porem o medico, muito esbofado, porque viera da rua até lá a passo de lobo, o chapéu de castor no alto da cabeça, o suor a inundar-lhe o pescoço, os olhos faiscantes, mostrava os punhos e retilava as prezas, rosnando contra quem se aproximasse da «sua enferma.» Estava formidável; mettia medo! Nunca homem nenhum defendeu, nem a propria amante, com tamanha dedicação. Ninguém ousou tocar em Magdá.»

Em compensação os typos secundarios são perfeitos, e entre todos elles destaca-se como mais estudado o da criada Justina. E' nessa parte do romance que o autor põe em evidencia seu talento observador. O covoqueiro que passa a vida entre a sua pedreira e sua viola monotonamente plangente, a Rosinha, a velha Custodia, a tia Zefa, essa população do cortiço que se agita como um enxame de abelhas, foi estudada minuciosamente, denota vida. está ali no romance como está ali pelos recantos da cidade; trabalha, ri, canta satisfeita por sentir se viver, que é a satisfação primitiva, a dos fortes, daquelles cuja organização, ainda não retocada pela civilização, entoa diariamente os hymnos ás victorias obtidas na conservação da vida.

Vejamos agora o temperamento, o segundo factor da obra artistica. O temperamento, na acepção naturalista é tudo quanto concorre para a formação e manifestação da individualidade do artista; seu physico e psychico, o que elle deve á herança e o que deve ao meio, tudo isso consubstanciado, fundido, amalgamado no estylo. O estylo para o naturalista não é simplesmente o vestuario da idéa, é de algum modo a propria idéa, é o *homem*, porque tem ahí e só ahí cabimento a phrase de Buffon adulterada pela tradição. O estylo no romance do Sr. Aluizio Azevedo não se pôdo chamar incorrecto, porque ha paginas, como por exemplo as do capitulo X e outras, que bonrariam o mais amestrado cinzelador da palavra; não pôdo chamar correcto, porque de espaço a espaço o pulso do romancista fraqueia visivelmente. Não ha em seu

estylo aquella força e regularidade tão admirada na prosa do historiador dos *Rougon-Macquart*. Apesar de filiado a uma litteratura «impressionista», *O Homem* não é escripto naquelle estylo que a todos os senti los se dirige, impressiona todas as fibras nervosas, superexcita todas as funções, faz o leitor esquecer-se de sua vida real diante da realidade momentanea dos typos com os quaes julga conviver. Verdade é que essa admiravel maestria nas descrições não se conquista rapidamente.

Para chegar á perfeição das paginas do *Bonheur des dames*, *Germinal*, e *Mme. Bovary*, Zola e Flaubert precisaram trabalho e tempo. *O Homem* é o primeiro romance naturalista no Brazil e isso explica sufficientemente o que ha de fraco no estylo.

Em todo caso, explicavel ou não, esse defeito existe. Faremos ainda duas observações relativas ao estylo si hem que uma dellas pareça mais relativa á idéa do que a forma. O autor do *O Homem* descreve-nos a hysteric de Magdá caminhando até a dupla personalidade uma vez ahí, desdobram-se ante nossos olhos duas vidas de Magdá, uma é a vida commum outra uma vida puramente subjectiva, sem equivalente objectivo, sem manifestações externas. Ora no caso particular de Magdá essa dualidade psychica nasce e evolue, sem que os circumstantes, o pae, o medico e a criada da hysteric tenham disse conhecimento. Força é portanto que se reconheça em toda essa phase a presença do romancista face a face com o leitor e a infracção ao imprescindivel preceito da *impersonalidade* do romance naturalista. Um grande merito do romance moderno é que o escriptor diz-nos suas observações e seus pensamentos sem por lermos entretanto surprehender o momento em que elle dirige-nos a palavra. E' o extremo opposto ao costume romantico segundo o qual o romancista occupa-se tanto com suas ideas quanto com o leitor, e, receioso talvez de não suggerir os pensamentos e sentimentos convenientes, encarregasse elle proprio dos commentarios, das exclamações, de tudo emfim, como si devesse ser lido por olhos sem communicação com um cerebro. Essa preciosa qualidade naturalista — a impersonalidade, não existe em parte do romance do Sr. Aluizio Azevedo.

Não é só isso. O desdobraimento da personalidade de Magdá não é no romance um simples incidente; assume largas proporções e o romancista descreve-nos minuciosamente o que se passa no cerebro enfermo da hysteric, as passagens que só ali existem, os dialogos que só ali se ouvem, aquella vida cheia de periecias cuja esphera de acção é a consciencia ou mais rigorosamente o *inconsciente* da hysteric. Não é impossivel saber o que se passa em um cerebro como o de Magdá, mas para isso é necessario ou provocar pela hypnose a declaração do que o individuo pensa e sente, como fez Richet em suas experiencias sobre a *objectivação dos typos*, ou estudar as modificações do caracter, os gestos, a expressão physionomica, como fez Azam no cerebro caso de Felida X. Magdá não se pôdo assimilar a nenhum desses exemplos; si nas proximidades da catastrophe terminal ha signaes capazes de mostrar aos que a rodeiam o seu desarranjo cerebral até ahí não é possivel suspeitar do que se passa. O romance falsea nesse ponto o naturalismo porque a dupla personalidade de Magdá

não offerece possibilidade de observação. Quando em um romance naturalista encontra-se o pensamento intimo de um personagem nada se pôdo objectar porque o romancista basea-se no principio corrente: a um dado conjunto de circunstancias, a um determinado movimento, a um estado physiologico conhecido corresponde comumente um determinado estado de consciencia. É possivel que o romancista se equivoque, mas o seu ponto de partida é logico, não é invenção nem privilegio seu, e até onde pôdo chegar a sciencia actual é verdadeiro. Mas uma phrase, um pensamento, determina lo pelas circunstancias em que o romancista colloca seu personagem, determinado ainda pela herança e meio, que o romancista conhece, não é o mesmo que uma serie de idéas e paixões germinando em um cerebro doentio e sem communicação com o mundo exterior. O Sr. Aluizio Azevedo descrevendo ponto por ponto, incidente por incidente a vida psychica de Magdá, desviou-se tanto do naturalismo como se desviaria da physiologia quem descrevesse as funções do habitante de um planeta conhecido.

Finalmente notamos uma incoherencia que escapou ao romancista, e talvez, esteja removida em edições mais modernas. No capitulo XI, no genero das paginas mysticas de *La faule de l'abbé Mouret* e do capitulo da *iniciação* do *Salambô*, o covoqueiro, o *homem* liza Magdá «... não me lembra com vim ao mundo, nem conheci o autor dos meus dias; porém, á força de pesquisas, cheguei a crer que sou o mais recente producto de uma geração privilegiada, que chegou mais depressa do que as suas congengeres ao meu estado de aperfeiçoamento. O fundador da minha dynastia era de sillex naseou com o mundo, e no entanto meu pai era já nada menos do que um quadrumano; de mim não sei ainda o que sahirá...»

Sendo o *homem* uma das criações do cerebro enfermo de Magdá era necessario que esta possuísse conhecimentos muito claros e precieos sobre o transformismo para assim systematisal-os em suas allucinações. Em todo o romance não se suspeita de tão profunda illustração, não é natural; ainda ha muitos homens cultores da sciencia que não chegarão á essa perfeita comprehensão do transformismo que manifesta Magdá.

Parecerá talvez que este estudo demostre-se muito nos defeitos e pouco nos meritos do romance. Isso é natural. Fazemos um trabalho de selecção. Uma vez dito que é *O Homem* o unico romance brasileiro nestes ultimos annos, que é naturalista, e como tal leva vantagem a muitos dos conhecidos nos tempos do romantismo no Brazil, está feito o maior elogio ao romancista. Fugindo ao mau vezo das comparações não diremos que o autor d'*O Homem* é o Zola brasileiro. O Sr. Aluizio Azevedo tem bastante espirito para preferir o seu proprio nome, por mais que admire o incomparavel naturalista. Ha quizi quatro annos diziamos nós «Depois do movimento litterario de 70 em que tomou parte o popular Castro Alves, as letras tem continuado sem ser porem sob uma formula nova, ou de accordo com uma idéa directora, ou no desenvolvimento de uma dessas theses que reformam a litteratura, quando não reformam toda a arte. Ha de tudo nesse resultado de quatorze annos. Imita-se o classicismo fossil, e romantismo ri-

dicularizado. Ha phantasietas a Damas, declamadores n Hugo, libertinos a Musset. São quatorze annos de fermentação; é tempo de surgir alguma cousa si não definitiva ao menos definida. O que vai apparecer? Não vmos certamente retroceder. Em litteratura como em sciencia não ha ressurreição; o que foi, foi. As tentativas nesse seuto são inuteis.

O meio de conhecer a propensão da litteratura no Brazil é estudar as individualidades que vão constituir os escriptores de amanhã. Chamam-se elles — a nova geração.

Em sentido vulgar nova geração é a gente nova, é a mocidade, é a multidão dos que iniciam-se na vida. Ha sempre nova e velha geração e pertencem áquella os nossos futuros escriptores, medicos, engenheiros, advogados, ministros, etc. Isso porém é a accepção vulgar. Em litteratura só se falla de uma nova geração quando apparece um complexo de idéas novas. Não são muitas até hoje as gerações novas. Os poetas homericos constituem a nova geração na litteratura grega; com elles começa a desaparecer o espirito oriental e a desenvolver-se a originalidade hellenica.

Os Catullo, Lucrecio, Horacio, Virgilio, Cicero, Sallustio, Cesar, Tito Livio, etc... são a nova geração romana; por elles se conhece o caracter da civilização Italica em seu apogeo, por elles se differencia dos outros o seculo injusta e servilmento denominado de Augusto.

A litteratura ingleza tem uma exuberante serie da qual se podem destacar os vultos do maxima importancia: a geração anterior á reforma—a de Shakespeare e Ben Jonson; a geração da reforma—a de Milton; a geração da Restauração—a de Dryden. O seculo XVIII teve a sua nova geração caracterizada pelo espirito philosophico, investigador o critico, foram os philosophos e encyclopedistas, os fautores da Revolução.

No Brazil podemos fallar na geração de 1700, isto é, a pleiade dos poetas mineiros, os homens que primeiro pensaram na liberdade, os companheiros de Tiradentes; podemos ainda fallar na geração de 1830 e na de 1870. D'ahi para cá não temos no romance e na poesia novas idéas, nova direcção litteraria. Os romances, rarissimos, continuam a ser de intriga; a poesia é uma serie de lamentações incapazes de emocionar, sem motivos por parte do poeta, sem consequencias por parte do leitor. Algumas vezes não falta somente expressão, falta toda e qualquer idéa e a poesia é uma serie de sons mais ou menos cadenciados. No romance e na poesia não temos nova geração.

Estas palavras parecem-nos ainda hoje perfeitamente applicaveis; não temos porém duvida alguma em concordar que está terminado o periodo a que ellas se referem, si multiplicarem-se os romances do valor d' *O Homem*. Ao Sr. Aluizio Azevedo caherá sempre a gloria de ter sido a guarda avançada de uma geração que ali vem proxima ou talvez longe ainda, mas que será uma geração realmente nova.

LIVIO DE CASTRO.

Ensinar a quem não tem a curiosidade de aprender é semear um campo que não se arrou.

RUY BARBOSA.

## UMA NOITE NA VIDA

Em permuta a — Uma noite no mar — de J. da Cunha Telles

Querida, escuta; vé:— Das orlas do oriente  
Sobe a lua, a tremar, aureolada, euvolta  
Em pallido clarão; silenciosamente  
Corre a brisa por nós, harmoniosa e solta;

Nos párnmos do azul a franja alvidente  
Tem a graça ideal da róla quando volta  
Aos carinhos do lar; succumbe o sol poente  
A uns vomitos de sangue... e a cupola, revolta,

Deixa-nos vér, então, em rutilos desfolhos  
Flores... — Trevas e luz!... sempre a sublime lida!...  
— Mas ai! como hei de, agora — em meio dos abrolhos

Do revolto oceano indomito da vida,  
Vér outra noite além da noite dos teus olhos...  
Vér outra luz além do teu olhar, querida?!

EDMUNDO DE BARROS.

## Estudos de Litteratura Brasileira

GONÇALVES DIAS

(PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO)

Ainda uma vez — *adeos* / pôde servir de exemplo; são estrophes escriptas com o sangue que brota das feridas causadas por acerbos soffrimentos:

« Emfim te vejo! — emfim posso,  
Curvado a teus pés, dizer-te,  
Que não cessei de querer-te,  
Pezar de quanto soffri.  
Muito penei! Crúas ancias,  
Dos teus olhos afastado,  
Houverão-me acabrunhado,  
A não lemhrar-me de ti!

D'um mundo a outro impellido,  
Derramei os meus lamentos  
Nas surdas azas dos ventos,  
Do mar na crespas cerviz!  
Baldão, ludíbrio da sorte  
Em terra estranha, entre gente,  
Que alheios males não sente,  
Nem se condõe do infeliz! (1)

O poeta é tamhem habil em pintar scenas da natureza exterior, animados quadros da terra americana. A paisagem em seus versos é sempre brasileira, ou se trata de scenas da vida social, ou da vida da natureza. Os exemplos superandundam.

Leiam estus estrophes de *Rosa no Mar*.

« Ia a virgem descuidosa,  
Quando a rosa  
Do seio no chão lhe cahe:  
Vem um'onda bonançosa,  
Qu'impiedosa  
A flôr comsigo retrahe.

(1) Vide esta poesia nos *Cantos*.

Quando o vivo carmim do esbelto cactus  
Refulge a medo abrilhantado esm'lte,  
Doce poeira de aljofradas gottas,  
Ou pó subtil de perolas desfeitas.  
Era a hori gentil, filha de amores,  
Era o nascer do sol, libando as meigas,  
Risonhas faces da luzente aurora!  
Era o canto e o perfume, a luz e a vida;  
Uma só coisa e muitas, — melhor face  
Da sempre vária e bella natureza:  
Um quadro antigo, que já vimos todos,  
Que todos com prazer vemos de novo.  
Ama o filho do bosque contemplar-te,  
Risonha aurora, — ama acordar contigo;  
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,  
Ou rosea ou branca, já carmim, já fogo,  
Já tímidos reflexos, já torrentes  
De luz, que lére obliqua os altos cimos. »

E' sobrio; mas é bello; a simplicidade aqui não é filha da pobreza, mas sim da doce placidez do espirito.

Fôra possível estender mais esta analyse; tenho, porém, pressa em dizer alguma cousa do dramatasta, do critico — e do ethnologo. O que escrevi do poeta é sufficiente para dal-o bem a conhecer.

O theatro de Gonçalves Dias é todo de obras de sua verde mocidade.

Coneta dos dramas *Boabdil*, *Patkull*, *Beatrice de Cenci* e *Leonor de Mendonça*. Traduziu tambem a *Noiva de Messina* de Schiller.

No theatro G. Dias não se elevou tão alto como no lyrismo; ainda assim seus ensaios dramaticos são reveladores de grande talento. Fôra para desejar que as nossas emprezas theatraes levassem á scena os dramas do autor maranhense, escriptos em linguagem ampla e correctae, e os acompanhasssem dos dramas de Agrario, das comedias de Penna, e dos dramas e comedias de Macedo e Alencar.

Seria conveniente dar de vez em quando alguma cousa dos vellos Magalhães, Porto-Alegre, Norberto Silva, Ferreira França e dos mais modernos Varejão, Castro Lopes, Machado de Assis, F. Tavora e muitos outros brasileiros que hão cultivado o genero. No meio de muita frandulagem sem valor, encontram-se bastantes trabalhos de merecimento, que o grando João Caetano não se dignava levar á scena.

Tenhamos n'isto e no mais um pouquinho de patriotismo.

*Leonor de Mendonça* do poeta maranhense, por exemplo, é um bellissimo drama.

O Conservatorio do Rio de Janeiro ineptamente em 1846 poz-lhe embaraços á representação n pretexto de ser incorrecto de linguagem!...

Singularissima censura esta, tratando-se de um escriptor como o nosso poeta, de todos os auctores nacionaes o mais preocupado em cingir-se aos modelos classicos e mais chegado ao sestro de *aportuguezar* a linguagem, isto é, afinal-a pelo tom do velho reino!...

Si eu tivesse de fazer uma censura a Gonçalves Dias pelo lado da lingua, seria justamente a inversa a que lhe foi dirigida pelo Conservatorio, a saber, o pouco *brasilismo* de sua linguagem e de seu estylo. Neste ponto Alencar teve a coragem de romper com todos os velhos preconceitos, deixando — definitivamente de lado, por imprestaveis, os modelos luzitanos. Bastava isto para ser o insigne cearense um grande benemerito das letreae brasileiras.

Gonçalves Dias para vingar-se dos seus gratuitos censores, conforme é fama, escreveu as magnificas *Sextilhas de frei Antão* em estylo e linguagem do começo do seculo XVII.

SYLVIO ROMÉRO.

A meiga flôr sobrenada,  
De agastada,  
A virge a não quer deixar!  
Boia a flôr, a virgem bella,  
Vai truz ella,  
Rente, rente — á beira mar.

Vem a onda bonançosa,  
Vem a rosa;  
Foge a onda, a flôr tambem.  
Si a onda foge, a donzella  
Vai sobre ella!  
Mas, fuge se onda vem.

Muitas vezes euganada,  
De enfadada  
Não quer deixar de insistir;  
Das vagas menus se espanta,  
Nem com tanta  
Presteza lhes quer fugir. »

E' uma rapida descripção d'um factissimo e feita com grande habilidade me refiro a certa viveza e cores e de descripção em G. Dias, devo ajuntar logo que no genero nos deixou apenas pequenos quadros esparsos em suas poesias.

Não estava ainda em moda a descripção modernissima, que se protrae por paginas e paginas. Vejamos uma pequena scena natural. São versos dos *Tymbiras*:

« Era a hora em que a flôr balança o caliz  
Aos doces beijos da serena brisa,  
Quando a ema soberba alteia o collo,  
Roçando apenas o matiz reivoso;  
Quando o sol vem doirando os altos montes,  
E as ledas aves á porfia trinão,  
E a verde coma das frondosos cedros  
Move o perfume, que embalsama os ares;  
Quando a corrente meio occulta sóa  
De sob o deno véu da parda nevoa;  
Quando nos pannos das mais brancas nuvens  
Desenha a aurora melindrosos quadros,  
Gentis orlaos com listões de fogo;

## QUADROS NEGROS

### SCENAS DA ESCRAVIDÃO

#### GALGO

##### NAVIO NEGREIRO

— Adeus! Adeus!

Foram as palavras mentaes da pobre negra, não em sua lingua materna que não as tem, mas na rude poesia de sua alma.

E ella doixava — e para sempre! — a terra natal, e entrava no batel, que seis possantes remos, manejados pelos vigorosos braços de seis homons nús, como marinheiros da Stigia, impelliram em direcção ao navio, meio escondido numa dessas angras africanas, cavadas pelo Oceano Atlantico.

E sua filha — ainda pequena — e sua filha — pobre criança! — pendia-lhe do collo.

E os tenros bracinhos se entrelaçavam em seu negro pescoço, como duas serpentes que se enroscam no tronco da palmeira de Dendé.

E as lagrimas da saudade lhe rolavam nos alvos olhos e cahiam sobre as faces enlutadas da misera criança.

Chorava a patria, que lhe roubavam, e a liberdade, que lhe sequestravam, — eternamente!

E lá naquellas praias tão serenas e de branquissimas aréas; e lá naquellas montanhas, queimadas do sol ardente, ficava-lhe parte de seu coração: — seu ninho e seus amores.

Já as velas do Galgo se desfaldavam ao vento, e a cortadora próa demandava as terras em que o sol vem esconder-se.

Sepultado no antro tenebroso do navio, quasi sem ar, quasi sem luz, os pobres negros não vem o mar, não encaram o céu, não sentem o raio do sol, não respiram o sopro da brisa marinha.

E assim passam-se muitos dias; e cada dia, é um, dois, tres e mais cada- veres são arremessados ás ondas.

O navio negreiro serve a um tempo de hospital, de prisão e de escola de crimes nefandos e atrocidades inauditas...

Os companheiros de infortunio, condemnados á escravidão por toda a vida, não tendo outro delicto mais do que o pacto eterno com que o Omnipotente os revestiu, succumbem ás eadudes da patria.

O banzo, nostalgia africana, minava a existencia dos miseros desterrados, e nem morrendo lhes era permittido olhar o sol que lhes dourava ao nascer a terra natal e entregar á brisa marinha o seu ai de morte.

A cruel enfermidade lavrava a bordo; o ar do porão contaminava-se e era necessario que bebesses o sopro da brisa vindo da patria.

E pois em uma tarde foram levados para o convéz. Tiraram-lhes os ferros e deixaram-nos gozar de um raio de sol respirar a aragem do mar.

O corvo marinho, livre como o sopro da brisa, passou á flor das aguas, bando magestosamente as azas, como se quizesse despertar em seus corações, pungidos pela saudade, a inveja da sua liberdade!

Os instrumentos rudes de Africa soavam á bordo do Galgo, a a musica adocada acordando as lembranças da terra convidava á dansa nacional.

Bem depressa o delirio se apoderou desses grupos completamente nús, semelhante-se a figuras de bronze, e a dansa ruidosa e lasciva ganhou infernal desenvolvimento.

Aos meneios voluptuosos e febris juntaram-se gritos de alegria e cantigas de alem mar.

A doce e adorada Africa estava alli com seus rudes filhos!... A pobre negra que trazia o fructo de suas entranhas pendente de seus braços, junto de seu negro collo, revia a patria no sorriso de seus compatriotas, nas dansas lascivas das aldéas africanas, nos cantos libidinosos de seus sa-raus, nos gritos estrepitosos que soam nos palmares.

Para maior illusão pendiam das vergas do navio os cachos verdes dos pomos das hananeiras e brilhavam por entre as palmas os côcos negros, dourados e purpurinos do Dendzeiro.

Os micos trepavam arditos, inquietos, traquinos pelas enxarcias sibillantes e o papagaio azul e escarlata applaudia com assobios descompassados a musica estrepitosa, e a dansa delirante.

E estas recordações tão intimas, e estas scenas tão animadas, longe de alegrar e distrahir tinham esmagado o coração da desventurosa negra.

Ella apertava a filhinha entre os braços, em pé, encostada a um dos mastros. Oh! já não tinha lagrimas para cobral-os e apenas levava os olhos humedecidos para as terras aonde nasce o sol.

O capitão do navio aproximou-se. Tomou num dos braços a criancinha e com o outro impelliu a pobre mãe para o meio dos grupos dansantes.

Terrivel e doloroso grito partiu dos labios da desditosa negra...

Tinham-lhe arrancado o fardo que pezava sobre os seus hombros e ella, de um salto immenso precipitou-se pela pópa fóra...

Ao seu grito funebre responderam mil gritos de terror. Instantaneamente parou a musica e todos, negros e marinheiros, correram para o fatal logar.

O abysmo das aguas atlanticas nem siquer se abria para a tragar.

O cardume de tubarões, nutrido diariamente com cadaveres africanos, e que singrava na esteira do navio, disputou em poucos momentos a preciosa presa.

— Minha mãe! minha mãe!... Balbucou na sua linguagem maternal a innocente criancinha, envolvendo entre seus braços o pescoço do capitão.

O primeiro impeto do velho lobo do mar foi arremessal-a tambem aos monstros marinhos e entregal-a á sorte da mulber que lhe dera o ser e que a deixava orpbã no meio da solidão dos mares, sob estranhos céus entre os ferros da escravidão e sob o azorrague dos algozes da liberdade.

Olhou, porém, e... viu ao longe, ao sul, como um gigante, levantar-se o bulcão da tempestade.

Voltou-se para o norte e... distinguio branquejando uma vela entre o azul dos mares e dos céus, como a ave marinha que esvoaça á superficie das aguas.

O capitão entregou a criança a um dos marinheiros e distendendo o longo oculo apontou-o para o navio que se avistava ao longe.

E desde então reinou a maior desordem a bordo. A carga negra foi immediatamente recolhida ao porão sob as fustigações do açoite; e ao repetido

signal dos apitos e das vozes, acompanhadas de mil imprecações infernaes, soltaram-se todas as velas ao cyclão, que desdobrava as suas azas, abilando nas enxarcias o hymno das tormentas.

E a vela que se avistava ao longe, mais e mais se aproximava e a tempestade relampejava ameçadora.

E o Galgo singrava velozmente deixando nas ondas cortadas, revoltas, assanhadas, branca, fofa e fervorosa espuma de longo e sinuoso esteiro.

E o cyclão se aproximava e tambem o navio desconhecido.

De repente abre-se de um lado a nuvem densa e negra e brilha rapidamente o relampago e o trovão compassado repercuta na immensidade como a voz exprobadora do Eterno.

E de outro lado fuzila o navio e ribomba tambem o estampido do canhão e sobe galhardamente, e tremula ousadamente ao vento a bandeira da velha eativa Inglaterra.

Deus e a liberdade!

J. NORBERTO DE S. S.

## NUM LEQUE

Em tarde estiva e calma, a brisa leve traz do vosso jardim doce perfume que vos prende a scismar, e nesse encanto indefnido, deve vossa alma inda sentir mais vivo lume, mais fortemente amar.

Podeis viver assim constantemente envolvida nuns calidos olores, num extasi sem fim! Agitate, agitate o leque albeite pois contém, para vós, divinas flores de um eterno jardim!

Craves, baunilha, madre-silva, ixora, jasmims, magnolias, resedá, violetas, rosas de toda a côr, em voz cariciosa, a toda a hora ciciarão: — Senhora, só os poetas sabem fallar de amor —

ADELINA L. VIEIRA.

## BELLAS ARTES

### O CONCURSO DE VIAGEM

Já muito se tem dito sobre o famoso concurso de viagem á Europa cujas provas se acham actualmente expostas na Academia de Bellas Artes — unindo mais uma voz ao geral clamor levantado contra a injusticia que presidiu á escolha do candidato.

Duvidamos que haja artista nacional ou estrangeiro, porém verdadeiro artista — de merito e consciencia — que ao examinar as sete telas expostas não dê preferéncia á do Sr. Belmiro.

Isto não quer dizer que tirando a composição do Sr. Belmiro o resto nada vale, não: o actual concurso parece-nos até na sua totalidade o me-

lhor de quantoa se tem realisado na academia nestes ultimos dez annos, para não dizermos — desde que ella existe.

Assim, a mais fraca das sete composições parece-nos ainda melhor do que a melhor do ultimo concurso; mas entro todas as presentes a do Sr. Belmiro destaca-se vantajosamente.

E' superior ás outras 1º em expressão, ou comprehensão do assumpto; 2º em composição; 3º em acção ou movimento; 4º em colorido; 5º em execução.

Em expressão porque é de todas a que mais poz em relevo a indole do protagonista, dando-lhe uma attitude resignada e uma expressão phisionomica cheia de calma e suavidade, inteiramente extranha e em opposição aogaestos e expressões dos seus algozea.

Em composição porque do bom gruppamento das liguras e da simplicidade das linhas geraes resulta que a vista vai repousar sem esforço e agradavelmente sobre a sympathica figura do Christo.

Em acção e movimento porque os gestos e as attitudes estão repreaentados com expontaneidade, do sorte que as figuras fulam, gesticulam o movem-se: tem vida emfim.

Em colorido porque é a que mais possui a tonalidade naturalista da escola moderna, além de ter a luz mais harmoniosamente distribuida.

Finalmente em execução porque tudo está feito com mais consciencia — mais comprehensão do natural, quer fallando das figuras, quer do fundo que é excellenté.

Ha, é verdade, entre os outros quadros um ou outro que possui este ou aquelle motivo superior em execução ao mesmo motivo na tela do Sr. Belmiro.

Citaremos para exemplo a cabeceinha de Christo do Sr. Hilarião e os pés da figura que está de costas no mesmo quadro; mas são qualidades essas isoladas, que não podem lutar contra outras mais geraes e em maior numero.

No quadro do Sr. Hilarião a composição é fraquissima e a acção quasi nulla.

Na prova do Sr. Teixeira da Rocha, cuja composição não é má, e onde ha cousas bem executadas, nota-se certa desharmonia de côr entre o fundo, bonito, e as figuras do primeiro plano.

Ha movimento nas figuras principaes, mas a attitude e o gesto do Christo parecem-nos inconvenientes e contrarios á indole do personagem. Dir-se-bia que este está quasi a tomar aquellas cordas para ir com ellas flagellar os vendilhões do templo.

Vamos porém á prova do Sr. Oscar. Francamente esperavamos muito mais da capacidade desse moço de talento, e tivemos pessima impressão diante do seu trabalho.

Certo que não esperavamos nenhuma obra prima, como não fóra licito exigir de nenhum dos concurrentes, desde que se trata de um concurso da alumnos e não de professores; em todo o caso o Sr. Oscar já tem produzido alguma cousa melhor, e a prova está na decoração da secretaria da Academia representando o Giotto, estudo que, com certo desconto, é bem razoavel.

Mas na presente tela o Sr. Oscar naufragou de todo: nem composição, nem desenho, nem expressão, nem côr, nem acção finalmente!

A unidade da composição está com-

pletamente destruída por aquella columna esbranquiçada que, destacando-se cruamente sobre um fundo negro absoluto, corta a tela em duas de alto a baixo, produzindo um efeito desastrosos!

O colorido de oleographia de igreja, oppõe bruscamente massas brancas a massas negras, dando um resultado antipathico.

Ha além disto desproporções naquellas figuras de cabeça grande e pernas curtas; e as figurinhas do fundo, sobretudo a mulhersinha de cara de boneca e o menino de cabeça de borscha são de um ridiculo original.

Verdade é que o assumpto escolhido, além de pouco simpthico, torna-se, neste paiz, de uma difficuldade atroz não só para os discipulos como para os proprios mestres.

E' pois até uma crueldade exigir daquelles semelhante composição — sem poder dar-lhes os recursos indispensaveis para leva-la a effeito: typos das raças para o estudo das figuras, vestimentas, e accessorios e além disto pôr á disposição dos concurentes uma bibliotheca rica de obras de architectura e archeologia, como pelo menos se faz na Europa quando se dão semelhantes assumptos para concurso.

Podia-se obter provas muito melhores e que deixariam julgar mais facilmente da capacidade de cada concorrente si a academia desse para assumpto scenas menos remotas e mais ao alcance dos nossos recursos.

A litteratura portugueza e mesmo a brazileira são duas fontes de assumptos magníficos.

Repetimos que não esperavamos nenhum primor, mas ao menos do Sr. Oscar um estudo razoavel; e tanto maior foi a nossa decepção quanto acreditavamos, pela decisão da Academia, poder dar palmas ao novo pensionista.

Foi, porém, pessima a impressão deante da sua composição e por isso mesmo que se tratava da *escolhida* fomos obrigados a uzar para com ella de maior severidade.

Explica-se a decisão da Academia pela quantidade de leigos que formam a maioria da sua congregação; em todo o caso custa-nos crer que os competentes deixassem passar semelhante *camarão pelas malhas* de sua contestada consciencia e honestidade profissionais!

PORTIN.

## THEATROS E DIVERSÕES

DERBY-CLUB

Realisaram-se no domingo as magnificas corridas deste club com extraordinaria e escolhida concurrencia, havendo apenas a lamentar uma desordem occasionada por protestos inteiramente infundados, tendo os juizes procedido com toda a inteireza e honestidade.

TENENTES DO DIABO

Esteve explendido o baile realisado no sabbado passado no grandioso salão desta sympathica sociedade.

## CONGRESSO BRAZILEIRO

Ao serão musical e dansante, realisado no sabbado ultimo neste elegante club, concorreu a nossa mais distincta sociedade, distinguindo-se na parte musical as eximias amadoras D. D. Regina e Balbina Naylor e os shéis professores Sr. Serqueira, Costa Juuio e Bruno de Oliveira.

## CONGRESSO GYMNASICO PORTUGUEZ

Effectuou-se sumptuosamente no dia 19 do corrente a festa de posse da nova directoria desta importante sociedade.

Distribuiu-se profusamente o primeiro numero de um periodico litterario habilmente redigido, *O Ramallete*, a quem, desejando longa vida, agradecemos as lisongueiras palavras a nosso respeito

## SONETO

Ao meu amigo o Ex. Sr. Dr. Emilio Guedes

Eu sou a triste folha, secca, errante,  
Ceifada em sus mais tenra verdura,  
A' pobre e debil planta agonizante...  
— Já tombada no seio da espessura...

E que, do patrio bosque, assás distante,  
Sósinha errando por vereda escura,  
Auzente e cbara a companheira amante,  
Roubada ha pouco pela sorte dura...

Sempre ferida por ervas setta  
Em objectos do mais puro amor  
Que vão tocando desta vida a meta,

Eis a proscripta, já sem luz, sem côr !...  
Hs longos annos que a infeliz vegeta...  
Pra o prazer— porque nasceu pra Dôr !...

MANOEL VICENTE DE FIGUEIREDO.

## Diversas Publicações

THRENOS E ARRUIDOS, versos de Domingos do Nascimento.—Porto Alegre. Estabelecimento typographico de Gundlach & C.

Quem percorrer as paginas deste novo livro do autor das *Revoadas*, terá muitos momentos de satisfação, reconhecendo que o Brazil conta mais um poeta daquelles que sabem com vantagem explorar os diversos generos de poesia.

MANUAL MERCANTIL ou *Encyclopediá elemental do commercio brasileiro*, por Verediano Carvalho. — 9ª edição consideravelmente augmentada. — Typographia Laemmert & C.

Fôra ocioso encarecer aqui o merito de um livro que conta já tantas edições, e tem á sua frente um nome que entre nós symboliza a condensação dos estudos commerciaes..

O *Manual Mercantil* divide-se em duas partes.

Na primeira parte estão expostos com a necessaria clareza: — os conhecimentos preliminares e commerciaes; as noções sobre commercio maritimo; e a escripturação mercantil.

Na segunda parte encontra-se o que concerne á redacção e aos calculos commerciaes.

Rematam o importante livro breves e claras noções de economia politica e um dictionario technologico commercial.

JOSÉ BONIFACIO.—Sessão funebre promovida pela União Federal Abolicionista e celebrada no theatro de Santa Izabel a 25 de Novembro de 1886, trigésimo dia da fallecimento do eminente abolicionista. — Recife.— Typographia Industrial.

Além dos importantes discursos proferidos pelo Dr. Antonio José da Costa Ribeiro e pelo Desembargador Domingos A. Alves Riheiro, presidente e orador da sessão, ahrilhanta as paginas desta publicação uma bella poesia de Antonio Pitanga, que teve a feliz inspiração de adaptar *O Redivivo* Andrade Neves ao *Redivivo* José Bonifacio.

DAS PERTURBAÇÕES CEREBRAES no alcoolismo sub-agudo e de seu tratamento pelo bromureto de ammonio, monographia devida á penna do Dr. Tiberio de Almeida. Os profissionais que julguem do merecimento do trabalho.

REVISTA MARITIMA E BRAZILEIRA, sob a direcção de Sabino Eloy Pessoa e Alfredo Augusto de Lima Barros.—Anno VII.—N. 4.—Impr. H. Lombaerts & C., editores.

As materias contidas no presente fasciculo constam do seguinte summario: *Balistica externa*; — *A marinha inglesa*, por E. Wegi; — *Theoria das subaquaticas*; — *Bibliographia*; — *Aviso aos navegantes*.

REVISTA DE ENGENHARIA, publicação quinzenal, sob a direcção do Engenheiro civil José Americo dos Santos.—Anno IX.—N. 173.—Typ. Central de Evaristo Roiz, da Costa.

Além dos *Actos officiaes* e do *Noticiario*, traz estes artigos: — *A canna de assucar em Java*, pelo Dr. F. M. Draenert; — *Manual de estradas de ferro de Poor*; — *Os transportes aereos por meio de cabos*.

O *BRAZIL-MEDICO*, revista semanal de medicina e cirurgia, sob a redacção e gerencia do Dr. Azevedo Sodré.—Anno I.—N. 43.—Typ. — Machado & C.

Eis o summario do numero distribuido:

Boletim da semana: A primeira cadeira de clinica medico.

*Trabalhos originaes*: — *Ankylostoma duodenal* e *ankylostomiase*, pelo Dr. Adolpho Lutz (*Continuação*) — Um caso de encrustação calcarea na parede interna do thorax, pelo Dr. Amancio de Carvalho. — O microbio da febre amarella, pelo Dr. Araujo.

*Registro clinico*: — Observação de um caso de abcesso frio, consecutivo á osteite da abobada orbitaria esquerda, fistula orbitaria com deformação consecutiva da palpebra superior, impossibilidade de oclusão palpebral, ke-

ratite por exposição, perfuração da cornea, prolapso da iris, staphyloma parcial e glaucoma absoluto consecutivo, pelo Dr. Hilario de Gouvêa.

*Revista Medica Estrangeira*: — Do oxydo de zinco no tratamento da diarruén, pelo Dr. Dupré (*Union Médicale du Nord-Est*). — Influencia da predisposição nervosa na etiologia da paralyasia facial a frigore, pelo Dr. Neumann. (*Archives de Neurologie*).

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Solicitador—Francisco R. de A. Nvaez—Juiz de Fôra.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase pancreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores de machinas e apperellos para lavoura—Schubert Irmãos & Haas. — Juiz de Fôra.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Ectação do Patrocinio. E. de F Leopoldina. Minas.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fôra.

Typ. d' a Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrad.